

# O PAPEL DO RITMO EM FENÔMENOS DE SÂNDI NO PORTUGUÊS FALADO POR INDÍGENAS BRASILEIROS

Kate Bárbara de Mendonça (UFRJ)  
katebarbara@hotmail.com

Jaqueline dos Santos Peixoto (UFRJ)  
jaquepeixoto@yahoo.com.br

## Resumo

Este artigo investiga fenômenos de sândi na produção linguística de indígenas brasileiros Guaraní falantes do português como primeira ou segunda língua. Os processos de sândi são interpretados aqui à luz da Fonologia Prosódica. Nosso foco principal são os fenômenos de sândi externo, fenômenos que, ocorrendo na junção de palavras pertencentes ao mesmo domínio prosódico, estão localizados entre as regras pós-lexicais do português. Os fenômenos de sândi interno também são merecedores de nossa atenção. Ambos os fenômenos são alvo natural de nosso interesse, na medida em que apresentam como condição *sine qua non* a exigência de que os elementos em jogo pertençam ao mesmo constituinte prosódico. O desafio que motiva este trabalho é o controle de aspectos prosódicos explicados pelo contato do português com as variedades da língua Guaraní, particularmente o Mbyá Guaraní.

**Palavras-chave:** português, contato linguístico, ritmo, sândi.

## 1.0 Introdução

Apresentamos neste trabalho os resultados de uma pesquisa voltada para a investigação de fenômenos linguísticos prosódicos do português falado como primeira ou segunda língua por indígenas brasileiros pertencentes ao grupo Guaraní. O objetivo de nosso trabalho é a investigação de fenômenos fonológicos de natureza prosódica no chamado português indígena. Lidamos com o pressuposto de que fenômenos de variação que alteram todo um fonema da língua sejam melhores explicados por aspectos rítmicos e/ou acentuais. Fenômenos como inserção, apagamento e mudança de posição de fonemas são investigados à luz da Fonologia Prosódica, desenvolvimento particular da fonologia gerativa.

A Fonologia Prosódica estuda processos fonológicos que têm como domínio de atuação categorias prosódicas como a sílaba ( $\sigma$ ), o pé ( $\Sigma$ ), a palavra prosódica ( $\omega$ ), o grupo clítico ( $C$ ), frase fonológica ( $\phi$ ), a frase entoacional ( $I$ ) e o enunciado fonológico ( $U$ ) (NESPOR & VOGEL, 1986). Justificamos nossa escolha teórica pelo fato de a Fonologia Prosódica se mostrar uma ferramenta teórica útil para a investigação tanto de fenômenos prosódicos que ocorrem internamente às palavras (sândi interno), quanto daqueles que ocorrem em junção de palavras (sândi externo). Para tanto, destacamos as seguintes categorias prosódicas: a sílaba, categoria prosódica que organiza os segmentos (consoantes e vogais) em onset (acive), núcleo (ápice) e coda (declive), conforme uma hierarquia de sonoridade; a palavra prosódica, categoria prosódica de interface entre a fonologia e a morfologia que só pode receber um acento de proeminência; o grupo clítico, categoria prosódica caracterizada pela presença de um ou mais clíticos

associados a uma palavra de conteúdo (palavra prosódica); e a frase fonológica, categoria prosódica que, localizada acima do grupo clítico e abaixo da frase entoacional, é identificada a partir de um núcleo lexical e todos os elementos localizados no seu lado não-recursivo integrantes de sua projeção máxima. A hipótese é a de que os fenômenos prosódicos relevantes para o nosso estudo ocorram no interior do domínio das três últimas categorias prosódicas.

Os dados de nossa pesquisa são de natureza primária, coletados junto a comunidades indígenas Guaraní localizadas no estado do Rio de Janeiro, em especial Parati. Para a coleta dos dados relevantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa, empregamos a metodologia da sociolinguística variacionista ou laboviana. O método de coleta de dados da sociolinguística laboviana nos permite controlar as variáveis independentes que podem influenciar o fenômeno em tela. Ao lado das variáveis tradicionalmente investigadas pela sociolinguística variacionista (como gênero, escolaridade, idade etc), buscamos controlar a presença de variáveis independentes condicionadas pelo aspecto etnia. O desafio constante em nosso trabalho é a separação entre os aspectos prosódicos explicados pelo contato do português com as variedades da língua Guaraní, particularmente o Mbyá Guaraní e os aspectos prosódicos explicados pelas características encontradas em variedades populares do português do Brasil.

## 2.0 A interface sintaxe-fonologia

A Fonologia Prosódica compreende um desenvolvimento particular da fonologia gerativa que investiga fenômenos fonológicos que tem como contexto de aplicação algum dos domínios identificados pelas categorias prosódicas. Por ser uma teoria que se desenvolve dentro da Gramática Gerativa, a Fonologia Prosódica compartilha com ela os seguintes pressupostos teórico-metodológicos: a ideia de **Gramática Universal**, o **inatismo da linguagem** e a **visão modular da mente**. A Gramática Universal compreende um dispositivo biológico que, presente no estágio inicial da aquisição da linguagem, é formado por princípios e leis gerais compartilhados por todas as línguas naturais, e por parâmetros, valores linguísticos a serem fixados pelas línguas particulares e responsáveis pela variação interlinguística. O inatismo considera a uniformidade e a universalidade da presença da linguagem no homem a razão pela qual adquirimos mais ou menos no mesmo período o conhecimento de uma língua em particular. A visão modular da mente concebe a estrutura mente-cérebro como um sistema modular em que cada seção tem sua própria função e seus princípios de organização próprios e autônomos. A Gramática Universal (ou **Faculdade da linguagem**) faz parte dessa estrutura como um módulo próprio que entra em interface com outros sistemas cognitivos da mente humana.

O modelo de estrutura linguística da Gramática Gerativa apoia-se na ideia de modularidade da mente. A Gramática Gerativa, em suas diferentes versões, estende a ideia de modularidade da mente para uma concepção modular da gramática. A gramática modular explica a língua como um sistema transformacional (sintático) que está em interface com os sistemas de desempenho articulatório-motor e conceitual-intencional. A linguagem é assim interpretada como um conjunto de regras sintáticas. Os sistemas de desempenho articulatório-motor e conceitual-intencional, sendo eles mesmos externos às regras da gramática propriamente dita, compreendem, respectivamente, a forma fonética e a forma lógica. O papel da forma fonética e a da forma lógica é interpretar as expressões linguísticas após a aplicação das regras sintáticas. Trata-se de dois componentes com função interpretativa na gramática. Por exemplo, o modelo de gramática da Teoria da Regência e Ligação (*Government and*

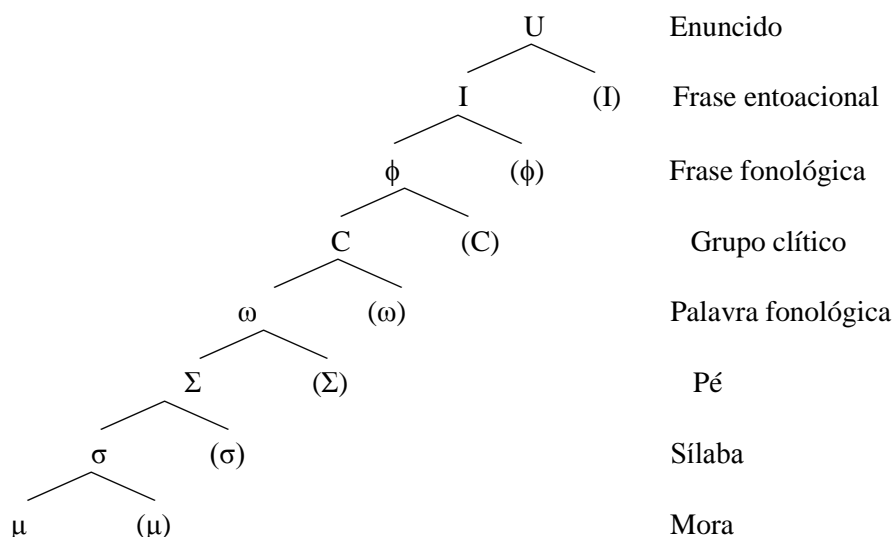
*Binding Theory*), também conhecido como modelo-T (*T-model*), mostra a forma fonética e a forma lógica com sistemas interpretativos da gramática, que acessam a sentença após a aplicação das regras sintáticas. Particularmente à fonologia, cabe a esta a interpretação fonética da sentença a partir de sua estrutura superficial.

Ora, devido à natureza dos fenômenos investigados, os estudos da Fonologia Prosódica localizam-se na interface fonologia-sintaxe. As regras da Fonologia Prosódica são sensíveis à estrutura sintática e aplicam-se em contextos bem definidos e delimitados pelas categorias membros da hierarquia prosódica. A sensibilidade à estrutura de constituintes é revelada pelo fato de a Fonologia Prosódica utilizar parte da informação sintática na construção de suas categorias. Suas regras não se aplicam, assim, a quaisquer pares de palavras de forma arbitrária. Tal sensibilidade não obriga, contudo, as categorias da Fonologia Prosódica a coincidirem com os constituintes sintáticos. A falta de isomorfia entre os constituintes sintáticos e as categorias da Fonologia Prosódica revela que a fonologia acessa a sintaxe de forma indireta, tal como evidenciado pela modelo de estrutura linguística proposto pela Gramática Gerativa.

### 3.0 A Fonologia Prosódica

A Fonologia Prosódica estuda processos fonológicos que têm como domínio de atuação categorias prosódicas como a mora ( $\mu$ ), sílaba ( $\sigma$ ), o pé ( $\Sigma$ ), a palavra fonológica ( $\omega$ ), o grupo clítico ( $C$ ), frase fonológica ( $\phi$ ), a frase entoacional ( $I$ ) e o enunciado fonológico ( $U$ ). Os constituintes prosódicos são organizados de acordo com uma hierarquia que parte do constituinte mais baixo em direção ao mais alto. A hierarquia prosódica também pode ser representada a partir de uma estrutura arbórea, tal como acontece na sintaxe gerativa. (NESPOR & VOGEL, 1986)

#### Hierarquia Prosódica



À semelhança do que acontece com outras áreas de gramática, os constituintes prosódicos estabelecem uma relação entre um termo dominante e outro(s) dominado(s). A relação entre dominante e dominado, neste caso, é estabelecida em termos de um constituinte forte e outro(s) fraco(s), isto é, um elemento principal (núcleo) e um ou mais elementos dominados. Contudo, entre as propriedades próprias dos constituintes

da Fonologia Prosódica estão a **exaustividade**, a **condição de camada estrita**, a **condição de núcleo** e a **não-recursividade**. A exaustividade exige que constituintes prosódicos dominem constituintes imediatamente mais baixos. A consequência é a de que cada constituinte mais baixo estará contido na unidade mais alta da qual faz parte. A condição de camada estrita exige que as categorias prosódicas de nível mais baixo sejam exaustivamente dominadas pelas categorias prosódicas de nível mais alto na hierarquia (SELKIRK, 1984). Em sua versão forte, tal condição impede que uma categoria de nível  $x-2$  seja diretamente dominada por uma categoria  $x$  sem passar pela categoria  $x-1$ . Em sua versão fraca, a hipótese da camada estrita permite que uma categoria como a sílaba, por exemplo, seja dominada pela palavra prosódica, sem passar pela estrutura do pé métrico. A condição de núcleo exige que a proeminência de uma categoria prosódica mais alta compreenda uma proeminência na categoria imediatamente mais baixa, e assim sucessivamente. Diferentemente dos constituintes sintáticos, os constituintes prosódicos não se constroem recursivamente – o que garante que constituintes de mesmo nível não sejam dominados entre si.

Cada constituinte prosódico compreende um domínio próprio onde podem atuar regras fonológicas. As regras da Fonologia Prosódica possuem aplicação automática desde que sejam satisfeitas as suas condições.

A identificação das categorias prosódicas é importante para mostrar que os fenômenos fonológicos da Fonologia Prosódica não se aplicam assim a quaisquer pares de palavras (ver seção anterior). Ao contrário, trata-se de processos sensíveis aos domínios fonológicos criados pelas categorias prosódicas. As categorias prosódicas são identificadas em parte pelas propriedades compartilhadas com outras categorias da gramática, e em parte pelas próprias propriedades. As regras fonológicas associadas ao mapeamento das expressões linguísticas em categorias prosódicas também são sensíveis a processos de reestruturação. A reestruturação é um fenômeno que compreende a reorganização rítmica dos constituintes prosódicos na grade métrica. A reorganização rítmica dos constituintes prosódicos ocorre através da redistribuição das batidas fortes e fracas. Como resultado, categorias prosódicas de mesmo nível passam a integrar uma única nova categoria. Para registrar, por exemplo, a perda do estatuto de frases fonológicas diferentes nos enunciados interlinguísticos, Nespor & Vogel (1986, p. 173) formulam uma regra de reestruturação para essa categoria prosódica. Trata-se de uma regra opcional da Fonologia Prosódica, segundo o qual dois domínios prosódicos  $\phi$  passam a ser abrigados pela mesma frase fonológica; assim:

#### **Reestruturação da Frase Fonológica ( $\phi$ )**

Uma frase fonológica não ramificada que representa o primeiro complemento de um núcleo lexical **X** (**V**, **N**, **A**) em seu lado recursivo pode ser integrada a frase fonológica que contém este núcleo.

Para que a reestruturação ocorra é necessário, então, o enfraquecimento do acento do núcleo lexical em favor do novo constituinte. A regra de reestruturação da frase fonológica é importante na explicação de casos de sândi externo no português do Brasil.

#### **4.0 O fenômeno de sândi interno e externo no PB**

Os fenômenos fonológicos de juntura são aqueles que ocorrem em fronteiras de palavras e em fronteiras de morfemas. Tais fenômenos são conhecidos na literatura

linguística como sândi (*sandhi*). Esse termo é empregado na gramática hindu do sânscrito para se referir a fenômenos de alteração fonológica ocorridos em junturas (fronteiras) de morfemas e palavras. As alterações fonológicas de diferentes naturezas internas às palavras representam casos de sândi interno. As alterações entre palavras exemplificam o chamado sândi externo. Por se tratar de um fenômeno que ocorre no momento em que as palavras são combinadas na sentença, o sândi externo também é conhecido como um fenômeno da fala conectada (*connected speech*).

A literatura produzida sobre a fala conectada no português do Brasil (PB) relata como fenômenos de sândi interno e externo a **geminção**, a **degeminção (crase)**, a **ditongaço** e a **haplogia**. A **elisão** e a **liaison** (ligação ou juntura) são fenômenos de sândi exclusivamente sintáticos.

O processo de geminção consiste na produção de uma sequência idêntica de segmentos consonantais ou vocálicos separados por fronteira silábica. A geminção implica, assim, a repetição de um gesto articulatório. No português do Brasil, a geminção compreende um fenômeno de sândi interno e externo. Como fenômeno de sândi interno e externo, a geminção afeta os vocoides altos da língua, produzidos com uma articulação que se inicia silábica e termina assilábica ([ʒɔvi.iamigu] ‘jovem amigo’, [ˈlu.uɐ] ‘lua’). Já como fenômeno de sândi externo, a geminção afeta uma sequência constituída por dois segmentos vocálicos ( $V_i\#V_i$ ) ou consonantais ( $C_i\#C_i$ ) idênticos em fronteira de palavras. As vogais em sequência resultam de um movimento articulatório que marca em sua parte inicial a articulação do segmento vocálico como um núcleo silábico e em sua parte final a articulação do mesmo segmento como onset da sílaba que inicia a palavra seguinte. Já a repetição do gesto articulatório provocado pela sequência de consoantes iguais produz uma articulação que se inicia com a produção de uma coda e finda em um onset.

No fenômeno de sândi externo, a degeminção, um processo de crase, ocorre em uma sequência de duas vogais idênticas, identificadas como  $V_i.V_i$  ou  $V_i\#V_i$ . As notações  $V_i.V_i$  e  $V_i\#V_i$  representam que as vogais que são o alvo do processo de degeminção integram a mesma palavra ou pertencem a palavras diferentes, respectivamente. A condição para que vogais iguais adjacentes sejam simplificadas é a de que pertençam a um mesmo domínio prosódico. A literatura identifica a palavra prosódica, o grupo clítico e a frase fonológica como domínios prosódicos onde ocorrem alguns fenômenos de fala conectada em PB, entre eles a degeminção. Esta consiste em um processo de ressilabificação, uma vez que nas sequências  $V_i.V_i$  e  $V_i\#V_i$  há a perda de um dos segmentos. Concomitantemente a essa perda, a vogal que fica é ressilabificada como membro da sílaba da palavra anterior. Esse processo de ressilabificação cria então uma nova sílaba resultante do sândi externo ([hestrutuˈrah] ‘reestruturar’ > [hestrutuˈrah]; [ˈumɐ aˈmigu] ‘uma amiga’ > [uˈmamigu]).

A elisão consiste em um processo de apagamento de vogais diferentes em fronteira de palavras, formando uma sequência  $V_i\#V_j$ . O apagamento de vogais adjacentes diferentes em fronteira de palavra começaria a se manifestar somente a partir grupo clítico (BISOL, 2003), o que exclui sua aplicação dentro da palavra.

A ditongaço é um fenômeno em que duas vogais adjacentes passam a integrar a mesma sílaba. Do ponto de vista articulatório, a ditongaço implica uma mudança da cavidade orofaríngea que ocorre durante a mesma emissão de voz. No português do Brasil, a ditongaço é um fenômeno de sândi interno e externo que ocorre em um contexto formado pela sequência de um vocoide alto acompanhado por outra vogal. Trata-se de um processo que atua na palavra prosódica, no grupo clítico e na frase fonológica.

A *liaison* (ligação) é um fenômeno de juntura em que a consoante final pronunciada ou não de uma palavra passa a integrar a sílaba inicial aberta da palavra seguinte. Esta representa um fenômeno típico do francês, língua em que a consoante final latente de palavras como *petit* ‘pequeno’ e *sans* ‘sem’ são pronunciadas apenas quando podem figurar na posição de onset da sílaba que inicia a palavra seguinte (*petit* ‘pequeno’ + *ami* ‘amigo’ [petitami]; *sans* ‘sem’ + *œufs* ‘ovos’ [sãzøf]). No português do Brasil, o fenômeno de *liaison* ocorre no contexto de um segmento final de palavra diante da vogal inicial da palavra seguinte. O segmento final da sílaba fechada de uma palavra passa a integrar a sílaba inicial aberta da palavra seguinte.

A haplologia compreende a omissão de segmentos em sequências articulatórias iguais ou semelhantes. Trata-se de um fenômeno fonológico que ocorre internamente à palavra prosódica, nos processos de formação de palavras da língua, e externamente, entre frases fonológicas.

## 5.0 O fenômeno de sândi no português indígena

Investigamos nesta seção o fenômeno de sândi no chamado português indígena. A seção anterior mostrou que no português do Brasil são fenômenos da fala rápida a geminação, a degeminação, a ditongação, a haplologia, a elisão e a *liaison* (ligação). Os quatro primeiros fenômenos são internos e externos às palavras. Já os dois últimos são exclusivamente sintáticos, isto é, ocorrem apenas entre palavras da língua. A geminação, a degeminação, a ditongação e a haplologia começam a se aplicar já a partir da palavra prosódica. Enquanto a elisão e a *liaison* são fenômenos que começam a se aplicar a partir do grupo clítico.

Uma motivação para os fenômenos de fala conectada no português do Brasil é a tendência de se evitar a presença de hiatos na língua. Tal tendência aparece inclusive na história do próprio português. A passagem do português antigo para o médio no período arcaico da língua é marcada pela dissolução dos hiatos formados na história interna da língua. A tendência em desfazer os hiatos estaria presente então em sua deriva secular.

A geminação, a degeminação e a ditongação são processos de sândi que desfazem hiatos internos às palavras e hiatos criados pela concatenação de constituintes na sentença. A elisão é outro processo de sândi que desfaz os hiatos pós-lexicais da língua. A *liaison* é um fenômeno de juntura externa em que a consoante latente ou não se torna onset da vogal que inicia a palavra seguinte. Por último, a haplologia consiste na perda de sequências de segmentos iguais ou semelhantes provocada pela atuação do princípio que obriga à dissimilaridade entre elementos linguísticos adjacentes.

Vimos nas seções anteriores que a Fonologia Prosódica explica particularmente o sândi externo como um fenômeno que não ocorre entre quaisquer palavras da língua. Sua aplicação é restringida pelo contexto de alguma categoria mais alta do que a palavra fonológica da hierarquia prosódica. Vimos também a importância da organização rítmica dos constituintes prosódicos através da distribuição de batidas fortes e fracas projetadas em uma grade métrica. A importância da organização rítmica dos constituintes é atestada pela regra de reestruturação rítmica que, formulada por Nespor & Vogel (op. cit), mostra como a distribuição da proeminência favorece ou desfavorece a aplicação de fenômenos de sândi externo. Bisol (2003) mostra, por exemplo, que a elisão e a degeminação são desfavorecidas quando a vogal à direita do encontro vocálico entre palavras diferentes carrega acento de frase fonológica. Diferentemente, a ditongação, fenômeno que ocorre quando a vogal que inicia uma palavra é acompanhada por um dos vocóides altos presentes na palavra anterior, não estaria sujeita à semelhante restrição.

A nossa questão então é descobrir se as características do fenômeno de sândi do português do Brasil identificadas na literatura estão presentes no chamado português indígena. Lembramos que o termo português indígena não se refere a uma variedade única e homogênea do português. Trata-se antes da apropriação do português do Brasil pelos povos indígenas brasileiros. A forma como ocorre tal apropriação e suas características revelam uma situação de contato linguístico. O contato linguístico representa uma situação em que línguas ou variedades diferentes de uma mesma língua estão geograficamente ou socialmente próximas. A proximidade linguística costuma ter como resultado situações de empréstimo linguístico e interferência (mescla) linguística. No caso específico do nosso trabalho, lidamos com a possibilidade de interferência prosódica do Mbyá Guaraní no fenômeno de sândi do português. Os consultores de nossa amostra são bilíngues, isto é, são falantes do português e da variedade linguística de sua etnia, neste caso, o Mbyá. O falante bilíngue ideal é aquele que domina ambas as línguas sem apresentar interferência de uma na outra. Contudo, a própria interferência interlinguística mostra que o falante bilíngue ideal é uma ficção. A proficiência linguística dos indivíduos bilíngues na língua estrangeira está sujeita às interferências de sua língua materna. O bilinguismo dos consultores de nossa amostra particulariza-se pelo fato de serem falantes alfabetizados em Mbyá Guaraní e em português, graças ao projeto da educação bilíngue. Outro fato importante é o de que nasceram e viveram pelo menos até o início da juventude no sul do país (Paraná ou Santa Catarina), apresentando, inclusive, características dialetais da região. Os dados foram coletados em duas aldeias localizadas no estado do Rio de Janeiro, a aldeia de Bracuí, Angra dos Reis, e a aldeia Itati, Parati Mirim.

Iniciamos nossa investigação dos fenômenos de fala conectada no chamado português Mbyá pelo processo fonológico de elisão. Os dados de nossa amostra indicam a preferência dos consultores pela realização desse processo em sua produção linguística nos mesmos contextos identificados nos trabalhos que versam sobre o tema no português do Brasil. Os consultores de nossa amostra foram consistentes em realizar a elisão no contexto do grupo clítico e da frase fonológica, como mostra a tabela abaixo. A mesma tabela registra os contextos em que a elisão era possível, mas não foi realizada na produção linguística dos consultores da amostra. A opção pela não realização da elisão nos contextos prosódicos previstos para o processo revela apenas o caráter variável do fenômeno, caráter este presente tanto no português do Brasil quanto no português Mbyá. A tabela também nos informa que o mero encontro vocálico entre palavras não é condição suficiente para a aplicação do fenômeno em causa. A elisão não foi realizada nos contextos em que os alvos do processo não satisfaziam a condição de pertencerem ao mesmo grupo clítico ou a mesma frase fonológica. O fato de a elisão não se aplicar entre quaisquer palavras revela seu condicionamento prosódico. Houve apenas duas ocorrências de elisão não previstas pelas situações descritas para o português do Brasil. Em ambas, o falante elidiu a vogal localizada na fronteira do que seria em PB uma frase fonológica. Tais ocorrências não podem ser explicadas como casos de reestruturação rítmica, uma vez que o núcleo lexical complemento é ramificado em seu lado não recursivo, qual seja, a margem esquerda.

Cabe ainda uma palavra sobre a vogal que é apagada no encontro vocálico entre palavras diferentes. Como nos informa Bisol, Casali (1997) identificou a vogal que costuma ser elidida e explicou a preferência interlinguística pelo apagamento da primeira vogal. Com base no estudo de 68 línguas do congo nigeriano e outras 129 línguas, Casali (op.cit) observou que em contexto de elisão a preferência é o apagamento da vogal à esquerda presente no encontro vocálico entre palavras diferentes. Seu trabalho também possui uma importância tipológica para o estudo das

línguas naturais porque permite identificar línguas que sempre apagam a vogal à esquerda em contexto de elisão e línguas que mesmo apagando a vogal à direita também elidem a vogal à esquerda. Tendo então que a degeminação e a elisão são fenômenos que envolvem a mesma operação de apagamento de segmentos iguais ou diferentes que estejam adjacentes, passamos a tratar os dois fenômenos como casos de elisão. Os consultores de nossa amostra foram sistemáticos no apagamento da vogal à esquerda tal como previsto por Casali, não fugindo, assim, do que é previsto para o PB.

<b>Elisão</b>		
<b>Aplicação da regra em contextos previstos</b>	<b>Contextos possíveis</b>	<b>Contextos não-possíveis</b>
<b>Grupo clítico</b>	<b>Grupo clítico</b>	<b>Entre dois clíticos</b>
Aqui mesmo [n'aldeia]C	De quem [que é]C	Quem [que [o pajé]C]C curou hoje na aldeia]
Eu gosto [d'estudar]C	Quem que o pajé curou hoje [na aldeia]C	
[d'aula] C	Teve [que ir]C n'hospital	
A gente esqueceu [n'aldeia]C	Levo [pra hospital]C	
O médico veio aqui [pr'atender]C o pessoal [d'aqui] C		
[d'aldeia] C		
[d'aqui]C [d'aldeia]C		
Ele caiu [d'arvore]C		
Teve que ir [n'hospital]C		
<b>Frase Fonológica</b>	<b>Frase Fonológica</b>	<b>Frase Fonológica</b>
Eu estou [estudand'agora]φ ensino médio	Eu [trouxe ela]φ com um ano	Quem que [chamou]φ [o pajé]φ pra conversar
[Com' é]φ que ele caiu d'árvore	Eu também já [dava aulas]φ prá criança.	O pajé [chamou]φ [uma mulher]φ pra conversar
[Com' é]φ [qu' ele]φ caiu d'árvore	A gente [vai ensinando]φ.	[Ela]φ [está]φ bem
[Com' é]φ [qu' é]φ o nome dele	Quem que o pajé [curou hoje]φ na aldeia	
De quem que é essa bolsa [qu'eu] [encontrei]		
[De quem] [qu' é arco]		
Quem que [vai 'scolher] φ pra conversar		
<b>Aplicação da regra em contextos não-previstos</b>		
Eu tenh'uma filha		
De quem qu' é 'ssa bola ...		

O dado a seguir se soma àqueles em que o falante deixa de realizar a junção entre palavras que não estejam abrigadas pelo mesmo constituinte prosódico. Neste caso, a haplologia, um processo de perda de segmentos desencadeado pela necessidade



de dissimilação, deixa de ser aplicada, já que os segmentos semelhantes adjacentes localizam-se divididos entre duas frases fonológicas.

<b>Contexto não-possível</b>
[Na cidade]ϕ [de São Miguel]ϕ

A *Liaison*, caracterizada no português como um fenômeno em que a consoante que encerra uma palavra passa a abrir a palavra seguinte, é outro fenômeno de juntura de nossa amostra. Apesar de não termos encontrado estudos que identifiquem um contexto prosódico particular para ela, temos como pressuposto a ideia de que a *liaison* seja restringida pelos mesmos contextos prosódicos da elisão/degeminação. Tal pressuposto é confirmado em nossos dados. Observamos em nossa amostra a aplicação sem exceções da *liaison* no interior do grupo clítico e da frase fonológica.

<b><i>Liaison</i> em Português Guaraní</b>
[A gente]ϕ [faz <b>a</b> qui]ϕ [artesanato]ϕ
[às veze <b>z</b> agente]ϕ
De cinco [sei[ <b>z</b> ] anos]ϕ
Quem [do[ <b>z</b> ] homens]C ...

O último tipo de fenômeno de fala conectada que encontramos é a ditongação. A dissolução dos hiatos através da ditongação é uma característica marcante do português, especialmente em algumas variedades da língua. Os ditongos formados na juntura de palavras caracterizam-se por ser decrescentes, isto é, o vocoide alto anterior ou posterior de uma palavra passa a ser pronunciado como membro da mesma sílaba da vogal que inicia a palavra seguinte. Diferentemente do que acontece com os processos de juntura de palavras supracitados, estudos revelam que ditongação é um fenômeno que desafia os limites impostos pelas categorias prosódicas (Bisol, op.cit). Apesar da falta de restrições sobre o seu contexto de aplicação, a ditongação não se mostrou produtiva em nossa amostra. A preferência dos consultores foi a de manter o hiato. A preferência pelo hiato aparece inclusive no encontro vocálico interno à palavra prosódica. A manutenção do hiato em contexto de vogal média tônica acompanhada por vogal recuada contraria a formação dos ditongos classificados por Peixoto (2011) como lexicais pós-cíclicos no português.

Contextos favoráveis à ditongação	
Realização do ditongo	Preservação do hiato
Eu trouxe ela [kõwẽnu]ϕ	Quem [que o pajé]C curou hoje
De quem ['kʲɛssa bolsa]C qu'eu encontrei	O médico [veio aqui]C pr'atender o pessoal d'aqui
	[Foi atropelado] ϕ
	[d'aldea] C

## 6.0 Conclusões

Realizamos aqui um trabalho de investigação do fenômeno de sândi na produção linguística de indígenas bilíngues do português e do Mbyá Guaraní. Nosso objetivo foi rastrear a interferência (mescla) prosódica do Mbyá no português dos consultores de nossa amostra no que se refere aos processos fonológicos encontrados na fala conectada. Os consultores de nossa amostra particularizam-se por apresentarem um bilinguismo caracterizado pelo contato precoce e frequente com a língua portuguesa. A proximidade social e geográfica com falantes do português do Brasil explica em parte as características do bilinguismo dos falantes de nossa amostra.

Os consultores de nossa amostra produziram com fenômenos de juntura a elisão/degeminação, a *liaison* e a ditongação. A elisão, que generalizamos neste trabalho como qualquer fenômeno que envolva a perda ou apagamento de segmentos iguais ou diferentes em sequência, correspondeu às expectativas geradas pelas suas características no português do Brasil. As ocorrências de elisão não previstas pela Fonologia Prosódica do português são limitadas, não podendo ainda ser caracterizadas como evidências de interferência prosódica do Mbyá Guaraní no português. A *liaison* obedeceu aos contextos de aplicação esperados para a elisão, quais sejam, o grupo clítico e a frase fonológica. O comportamento da *liaison* é mais um argumento contra a evidência de interferência prosódica. A ditongação parece ser o único fenômeno que se não prova a interferência prosódica também não prova o contrário, isto é, que não tenha havido interferência do Mbyá na preservação dos hiatos lexicais e pós-lexicais do português.

Concluimos que a consistência na realização dos fenômenos de fala conectada nos contextos previstos para o português do Brasil vai ao encontro da proximidade social e geográfica com os falantes do português. Precisamos descobrir ainda se causa da tolerância a hiatos lexicais e pós-lexicais se origina em uma interferência intralinguística (interferência da variedade do português falada no sul) ou interlinguística (interferência do Mbyá).

## Bibliografia

- BASÍLIO, Margarida. O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara. In: *DELTA* vol. 20 no. spe, São Paulo, 2004.
- BISOL, Leda. Os constituintes prosódicos. In *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª edição revista. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.
- \_\_\_\_\_. Sândi vocálico externo: Degeminação e Elisão. In *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (23): 83-101, Jul./Dez., 1992.
- \_\_\_\_\_. Sandhi in Brazilian Portuguese. In: *Probus* 15 (2003), 177-200.
- \_\_\_\_\_. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. In *DELTA* vol. 20 no. spe, São Paulo, 2004.
- CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 21ª edição. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 33ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CASALI, Roderic F., Vowel elision in hiatus contexts: which vowel goes? In *Language* 73:3 (1977), 493-533.
- CASTRO, Ivo. *Introdução à história do Português*. 2ª edição: Lisboa, Edições Colibri, 2006.
- CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language. Its nature, origin, and use*. First publishing, Series Convergence (Praeger Publishers), 1986.
- CUNHA, Ana Paula Nobre & MIRANDA, Ana Ruth Moresco. A hipossegmentação da escrita e os processos de sândi. In *Anais do CELSUL*, 2008.
- ITO, Junko & MESTER, Armin. *Weak layering and word binarity*. University of California, Santa Cruz 2003. Ms
- PEIXOTO, J. dos S. *O ditongo em português: história, variação e gramática*. Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 7, número 1, junho de 2011. ISSN 1808-835X 1. [<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]
- KAISSE, Ellen M. *Connected speech. The interaction of Syntax and Phonology*. New York: Chicago Press, 1995.
- KOMATSU, Mariana & SANTOS, Raquel. A variação na aquisição de regras de sândi externo em português brasileiro. In *DELTA*, 23:2, 2007 (223-244).
- MIRA Mateus, Maria H. et alii. *Gramática da língua Portuguesa*. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003.
- NESPOR, Marina & VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht – Holland/Riverton: Foris Publications, 1986.
- ROCA, Iggy & JOHNSON, Wyn. The syllable. In *A course in phonology*. Blackwell Publishing, 1999, p. 235-260.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- SELKIRK, Elisabeth. *Phonology and syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1984.